

“CECÍLIA MEIRELES: INDÍCIOS DE UM PROJETO DE FORMAÇÃO DO LEITOR DE LITERATURA INFANTIL”

YARA MAXIMO DE SENA (FE - UNICAMP).

Resumo

Cecília Meireles (1901 – 1964) foi uma mulher múltipla em seus talentos literários e atuações em diferentes campos. Foi poetisa, jornalista, cronista, viajante, professora, intelectual, órfã e mulher. Em nossa pesquisa, buscamos olhar de forma mais atenta para suas faces de jornalista, pesquisadora e intelectual. Tomamos como fontes documentais de análise: as crônicas de educação e o inquérito pedagógico “Leituras Infantis”. As crônicas foram escritas por Cecília Meireles para o jornal carioca “Diário de Notícias”, entre os anos de 1930 e 1933. O inquérito “Leituras Infantis” foi realizado pela escritora/pesquisadora em 1931, com a finalidade de situar os alunos cariocas quanto às preferências individuais e ao conjunto de conhecimentos destes sobre a leitura, sendo publicado em 1934 em um periódico da imprensa oficial (INEP). Temos como objetivo pensar no projeto de educação do leitor de Literatura Infantil proposto por Cecília Meireles em duas direções: nas “Crônicas de Educação”, um “leitor imaginado”, e no inquérito “Leituras Infantis”, um “leitor mais real”. Para isto, pretendemos refletir sobre as questões: Que leitor Cecília Meireles acredita ser importante e necessário formar? Que modos de ler são propostos? Quais livros são sugeridos? O que a leitura representa? Esta comunicação tem como objetivo apresentar e socializar alguns resultados já obtidos nesta pesquisa de mestrado, ainda em andamento, que está sendo realizada no grupo “Alfabetização, Leitura e Escrita” (ALLE), da Faculdade de Educação da UNICAMP.

Palavras-chave:

leitor, literatura infantil, Cecília Meireles.

Esta comunicação pretende apresentar e socializar alguns resultados já obtidos na pesquisa de mestrado, ainda em andamento, realizada no grupo “Alfabetização, Leitura e Escrita” (ALLE), da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), na qual buscamos olhar o projeto de formação do leitor infantil de Cecília Meireles, que além de grande poetisa, foi também jornalista, pesquisadora e intelectual. Tomamos como fontes documentais: as crônicas de educação e o inquérito pedagógico “Leituras Infantis”. Temos como objetivo refletir sobre as questões: Qual a concepção de Literatura Infantil de Cecília Meireles? Qual imagem de leitor Cecília Meireles parece desejar formar? Quais livros ela sugere como mais adequados? Que representações de leitura movimentam este projeto de formação?

Neste artigo, em especial, nos atentamos a dois pontos: a trajetória da vida de Cecília Meireles, destacando os aspectos relativos à Literatura e a Educação, e utilizaremos trechos de algumas de suas crônicas de educação para elaborar uma discussão sobre sua concepção de Literatura Infantil.

Cecília Meireles: entre sonho vivido e vida sonhada

Cecília Meireles desponta no cenário educacional, durante as décadas de 20 e 30 do século passado, configurando, num tempo de intenso debate sobre novas possibilidades educativas, um projeto de educação, de formação do jovem leitor de literatura infantil.

Nos anos 20, escreve um livro para crianças, que embora didático, tinha preocupações literárias e estéticas. Lançado em 1924 e reeditado em 1927, "*Criança meu amor*", foi adotado pela Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal e aprovado pelo Conselho Superior de Ensino de Minas Gerais e Pernambuco.

Neste livro, segundo Zilberman (2001, p. 176), a jovem Cecília declara sua ingenuidade, ao se dirigir a uma criança anônima, declarando na abertura do livro didático seu afeto simples, sincero e verdadeiro, e também seu "*ideal pedagógico, voltado à formação ética e ao desenvolvimento da sensibilidade dos estudantes*". Contém versos simples, bem diferentes daqueles de "*Ou isto ou aquilo*", entretanto, diferencia-se dos outros tipos de livros didáticos dos anos 30, compostos por: seletas, antologias, excertos dos cânones. Busca estabelecer um diálogo com o leitor e conferir um tom coloquial às expressões.

Cecília Meireles continua sua trajetória, manifestando-se em diversos campos: jornalístico, literário, educacional, artístico e político, tendo como dois pontos em destaque a Literatura e a Educação. Pontos indissociáveis: formou-se professora, e constituiu-se como poetisa. Candidatou-se à professora da cátedra de Literatura Vernácula da Escola Normal do Distrito Federal com a tese "O espírito vitorioso". Desenvolveu atividades literárias e jornalísticas para adultos e crianças. Foi intelectual signatária do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova em 1932, e, também, fundadora e idealizadora da primeira Biblioteca Pública Infantil Brasileira, a "*Biblioteca Infantil do Distrito Federal*" ou "*Centro de Cultura Infantil do Pavilhão Mourisco*".

Promoveu um debate público, principalmente nos anos 30, acreditando na responsabilidade educativa da imprensa e nas repercussões que suas idéias teriam a partir dessa atividade. E é neste debate jornalístico que a escritora expressa sua participação no movimento por uma Educação Nova. Foi cronista, entrevistadora e diretora de uma página diária sobre educação no "*Diário de Notícias*", entre 1930 e 1933, num ambiente dominado por homens e num período em que as mulheres ainda não exerciam sequer o direito de voto.

Cecília Meireles é uma das primeiras mulheres brasileiras a marcar a presença feminina na vida pública, abrindo uma trincheira nas páginas do jornal, estabelecendo um diálogo com os grandes pensadores / idealizadores da Reforma Educacional, como Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Frota Pessoa, entre outros. Outras mulheres, como Armanda Álvaro Alberto, também signatária do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932, marcavam presença na imprensa através de textos sobre educação, com temas como infância, escola, família, livro, leitura e bibliotecas infantis, contudo, Cecília Meireles, era a figura feminina com maior visibilidade na cena pública.

Uma das características dos intelectuais dos anos 20 e 30, segundo Pécaut (1990), era sair do isolamento e privilegiar a ação, criando projetos de transformação social, no campo cultural e educacional. Cecília, além da atuação nas páginas do jornal, realiza um inquérito pedagógico a convite de um órgão oficial do governo.

Como escritora/ intelectual/ pesquisadora, realiza o inquérito "Leituras Infantis" entre 1931 e 1933, com a finalidade de situar os alunos cariocas quanto às

preferências individuais e ao conjunto de conhecimentos destes sobre a leitura. Este trabalho foi publicado em 1934 em um periódico da imprensa oficial (INEP), sendo posteriormente utilizado como base para a formação da *Biblioteca Infantil do Distrito Federal*.

Embora o inquérito consumisse muito de seu tempo, ele indicava caminhos para que ela produzisse para crianças, mostrando seu interesse em saber as expectativas dos leitores, desejando experimentar a recepção que alguns sujeitos do inquérito teriam ao ler um texto seu, escrito a partir de indícios que resultavam de sua pesquisa. Suas cartas a Fernando de Azevedo tratam destas suas expectativas, de seus projetos, inclusive a partir do inquérito de leituras. Nesta, em especial, comenta que está terminando a realização do inquérito e das possibilidades que ele traria, de oferecer subsídio para escritores que queiram oferecer livros à infância:

Aquele inquérito de que lhe falei, sobre literatura infantil, só agora está chegando ao fim. Creio que até o dia 15 estará terminado, com o respectivo relatório, etc. Foi ele que me impossibilitou de me dedicar completamente ao seu livro. Mas creio que também agora nos vai ser bastante útil, pois, com cerca de 1500 questionários, com 12 respostas cada um, já se pode avaliar do interesse e das disposições literárias da nossa infância e encaminhar melhor um livro que se lhe queira oferecer. (12 de abril de 1932)

Nesta carta, Cecília Meireles, aborda a importância de se conhecer o gosto da infância para escrever-lhe um livro. Mostra-nos o seu intuito, de que a partir da leitura do inquérito, autores pudessem "encaminhar melhor" os livros que ofereciam à infância.

Nos anos 50, destacamos a obra "*Problemas da Literatura Infantil*", originária de três conferências realizadas por Cecília Meireles, em Minas Gerais, que foram reunidas e reorganizadas pela autora. Segundo Arroyo (1968) este livro foi pioneiro no tratamento do tema da literatura infantil no Brasil e de fundamental importância para aqueles que desejam estudá-la do ponto de vista histórico-pedagógico.

Parece-nos que a história de Cecília Meireles vai se compondo em quadros múltiplos. Com momentos de dificuldades e grandes superações. Momentos de vida que parecem que vão a tornando mais forte e permitem o delineamento do projeto de educação que acreditava. Damos destaque ao projeto de formação do leitor de literatura infantil em nossa pesquisa, em especial no que concerne aos anos 30: momento de inquietude, em que Cecília Meireles sonha. Sonha mudanças, sonha uma literatura infantil, um leitor infantil e uma leitura.

E o meu caminho começa

nessa franja solitária,

no limite sem vestígio,

na translúcida muralha

que opõem o sonho vivido

e a vida apenas sonhada.

(MEIRELES, 2001, p. 1209)

Literatura infantil para Cecília Meireles: entre flor e nuvem...

A literatura infantil brasileira teve início no fim do século XIX, quase início do século XX, com o aparecimento de algumas poucas obras destinadas à infância, ainda que de forma esporádica. Disponíveis desde o final do século XIX, as poucas obras em circulação para o público infantil brasileiro permitem contar uma história da literatura infantil nacional.

No século XIX, estes livros começam a circular de forma regular e autônoma em função da mudança do regime monárquico para o republicano, quando o país passa por inúmeras transformações: buscava-se a modernização, a urbanização crescia e implantava-se a imprensa editorial de livros. Era preciso projetar e propagar a imagem da criança burguesa: aquela que não trabalha, não produz, que é frágil fisicamente, moralmente, intelectualmente e afetivamente. E para isto a escola desempenhava duas funções: protegiam as crianças das agressões do mundo exterior e as introduziam na vida adulta. Assim, a literatura infantil brasileira nasceu ligada à escola: um lugar privilegiado para a manutenção ou formação do ideal burguês, pois adentra esse espaço, como instrumento de multiplicação das normas, das regras, e manutenção desta sociedade burguesa.

Aos poucos esta literatura começa a se transformar, tomar corpo. Entretanto, neste caminho, existem algumas pedras: poucas editoras se interessavam pelo público infantil, havia poucos escritores para a infância, e algumas tipografias não eram de boa qualidade para a impressão deste material.

Segundo Coelho (1991), neste entre - séculos, percebe-se que havia um sensível esforço da produção editorial embora tivesse muitas dificuldades materiais como escassez de gráficas e editoras. Embora ainda se verificasse a carência de livros para a infância, havia um esforço de superação através das obras de "literatura didática".

Nos anos 30, o crescimento quantitativo da literatura infantil e a atração exercida aos escritores comprometidos com a renovação da arte nacional mostram que a literatura infantil brasileira estava se consolidando, estabelecendo um mercado favorável aos livros infantis. Surgem também preocupações com o que se escreve para a infância. De uma produção pequena e sem assiduidade no início do século XX, passa-se a uma produção mais fortalecida em meados deste mesmo século.

De acordo com Arroyo (1968)

a literatura infantil brasileira tem sido, entre nós, considerada sempre de gênero menor do universo literário. Poucos autores a ela se referem com objetivos críticos e nesta lista honrosa poderíamos citar Cecília Meireles, Lourenço Filho e Fernando de Azevedo. (216)

Cecília Meireles faz parte destes pensadores que reagiram à Literatura que havia destinada à infância no Brasil, escrevendo e militando nos jornais, realizando estudos e pesquisas, realizando conferências, refletindo sobre a Educação do país, num momento de transição.

Cecília Meireles comenta em suas crônicas este período de transição, de movimento, de revolução que o país se encontrava. E é neste contexto que o gênero Literatura Infantil começava a se consolidar, estando em uma tênue linha: transitando entre o que é ou não literatura.

O inquérito "Leituras infantis" traz algumas pistas para refletirmos sobre a concepção de literatura infantil de Cecília Meireles. Nele, a cronista agrupa os livros citados pelas crianças em três grupos:

livros escolares (de leitura, compêndios, enciclopédias); livros de fantasia (compreendendo historietas, fábulas, etc.) e livros com a rubrica literatura, por se tratar de obras de cunho especial - neste caso, romances brasileiros, e traduções - noutros, como se verá para deante, poesias etc. sem a característica das ficções infantis do 2.º grupo. (MEIRELES, 1934: 27)

Não há a categoria "literatura infantil", apenas a de "literatura", contemplando os livros lidos pelas crianças, mas sem características das obras infantis. Os livros com as características das ficções infantis foram agrupados em "livros de fantasia".

A falta da categoria "literatura infantil" nos sugere que Cecília Meireles tinha uma outra representação de literatura infantil, diversa daquilo que era apresentado às crianças.

A literatura infantil já é, de uma lastimável pobreza, entre nós. E não só é pobre, como também deseducativa". (O ensino da música nas escolas - 5 de julho de 1930)

Por mais de uma vez temos aludido à nossa penúria em matéria de livros infantis. O que possuímos é pouco e, além de pouco, de inferior qualidade (Livros para crianças [II] - 4 de novembro de 1931)

Cecília Meireles aponta, contraditoriamente, a existência de uma literatura infantil no Brasil, entretanto, a considera pobre e deseducativa. Livros para crianças eram produzidos, contudo eram poucos, e faltavam livros admiráveis para os leitores infantis, pois os que haviam eram por ela considerados de inferior qualidade.

(...) escrever e representar para crianças é tarefa quase sobre-humana, uma vez que os interesses de adultos e crianças são diferentes entre si que, para se alcançar um desses mundos, quando se habita o outro, há que se fazer um prodígio de adivinhação. A prova disso está no número reduzido de livros admiráveis para a infância, não só no Brasil, como também no mundo todo. (Teatro da Criança - 29 de dezembro de 1932)

Afirma neste excerto que o problema da falta de bons livros para a infância não era somente nacional, mas mundial. Indica que é preciso ter um diálogo entre escritor adulto e leitor infantil, no qual o escritor precisa compreender o mundo da infância para tocá-lo, habitá-lo.

Cecília propõe que a Literatura Infantil seja uma ciência e uma arte. Que ao ter um destinatário com suas especificidades, o compreenda em suas características e possibilidades. Mas que mais indispensável que a ciência, está a arte. A Literatura Infantil deve ser considerada essencialmente arte, a arte da palavra.

O escritor deveria ser um artista. Um artista que desejava realizar este vínculo com a alma infantil, que fosse sensível e delicado ao escrever. Pois, segundo Cecília Meireles, a literatura deveria passar pela intuição, pela sensibilidade, por um poder de criação e por uma delicadeza espiritual.

A cronista tenta responder por que havia tanta dificuldade em se constituir o gênero Literatura Infantil. Considera que os estudos da psicologia da época podiam ajudar no esclarecimento da dificuldade de escrever para crianças.

Um pouco de psicologia ajudará a esclarecer a razão dessa dificuldade. Sem chegarmos ao ceticismo de Rousseau, nas páginas que, no Emílio, consagra ao assunto, teremos de perguntar, antes de mais nada, que coisas vamos dizer, num livro, que convenham, realmente, aos leitores pequeninos. A criança gosta somente daquilo que satisfaz um interesse da sua vida. Aprendamos, pois, a conhecer esses interesses. Não nos estejamos iludindo, devolvendo interesses nossos, e pensando que estamos servindo à infância. Ora, como a psicologia ainda não é estudada como devia ser, acontece, freqüentemente, aparecerem autores desejosos de oferecer suas produções literárias às crianças, sem, no entanto, abdicarem das suas convicções, dos seus conceitos e preconceitos, e do seu estilo literário, para se porem em comunicação com essas maravilhosas criaturas que nada tem a ver com seu gosto de adultos... Daí nasce a abundante literatura inútil e prejudicial que, com o rótulo de "infantil", se ostenta pelas livrarias. (Educação Moral e Cívica - 14 de setembro de 1930)

Nem toda Literatura Infantil tem realmente os atributos de literário. Cecília nos atenta mais uma vez ao fato de que talvez não exista escassez de livros para crianças no Brasil, mas o que falta são os bons livros.

Para isso, diz ser necessário que se pergunte: O que dizer num livro para crianças? Que assuntos lhes convêm? A dificuldade estaria nos autores abdicarem de seus conceitos, convicções, interesses e estilo literário, sem se deixar tocar pelo que interessa à criança.

Adverte, que embora não precisemos ser tão ceticistas quanto Rousseau, que acreditava que um único livro deveria ser lido repetidamente, ainda assim é preciso ter cuidado com o que se apresenta a criança.

Cecília traz em suas crônicas alguns exemplos desta ponte entre escritor e leitor infantil, destacando o poeta Constâncio Vigil como um escritor consciente de seu papel na formação da infância, indicando que a literatura infantil de qualidade é difícil de ser escrita, necessita de meditação, experiência e sentimento:

E, como uma advertência oportuna, este homem que escreve por ideal, por uma razão de sentimento, por atividade do espírito, confessa com simplicidade: "Por mi parte, he necesitado vivir más de médio siglo abstrayéndome em las más serias meditaciones, para afrontar lá empresa de escribir para los niños. (Constâncio C. Vigil - 21 de abril de 1931)

E continua:

Na primeira página de Marta y Jorge, - o livro para o terceiro ano - esperava-me com esta comovente confissão:

"Me lhamo Marta y Jorge porque el hombre que me escribió tenia dos hijos con estos mismos nombres. Los tenia... Ya no los tiene..."

Como ellos no están más em la Tierra, no puede decirles a ellos estas cosas. Y se há puesto a hablar com ustedes como si fueran ellos".

(...)

Por isso é que Constâncio Vigil realiza tão bem o seu destino de escritor para a infância. Porque ele escreve como quem fala. Como quem fala a seus filhos. E como quem só sabe dizer aquelas coisas superiores que meio século de vida meditativa lhe tem ensinado, de uma forma tão bela que transfigura todos os sofrimentos. (Constâncio C. Vigil - 21 de abril de 1931)

A autora associa o bom livro, o que pensa ser o ideal da literatura infantil, com a fala que os pais dirigem aos filhos: o melhor possível é dirigido à criança com o intuito de educá-la, formá-la.

A "boa" literatura infantil também deveria ter uma beleza, ser uma obra rica, completa, do ponto de vista pedagógico, estético e da formação dos valores espirituais.

Como exemplo deste último caso [do que seria um bom livro para a infância], poderíamos citar o nunca assaz louvado livro de Selma Lagerlof, A viagem de Nils Holgersson, - uma das obras mais belas, mais ricas, mais completas e espirituais que o mundo possui para leitores em transição da infância para a adolescência. Ali, o maravilhoso comedido é, apenas, um símbolo ou uma advertência. E que símbolo! E que advertência! (Literatura infantil [I] - 28 de junho de 1930)

Este excerto permite-nos pensar que a faixa etária era um quesito importante para a definição literatura infantil para Cecília Meireles, e os livros para leitores em transição da infância para a adolescência deveriam ter atributos como o maravilhoso comedido.

A literatura infantil é a literatura que qualquer pessoa pode ler, sem considerar um livro menor. Embora tenha uma linguagem apropriada para a criança, ele não deve ser simplista ou banal. Seria a literatura infantil composta por livros como os dos educadores Humberto Zarrilli e Roberto Abadie Soriano, chamado *Poesia*, destinado às escolas uruguaias:

Um livro que qualquer homem pode ler sem achar mesquinho. Porque a infância, que anima até a morte o nosso coração, a infância que é o nosso sentido de existência, que é a nossa lembrança de filiação com a eternidade, não sente aqui a frieza artificial dos livros que limitam a vida em pequenos aspectos sem aquela capacidade de, em todos eles, deixar a sua forma integral que só integral satisfaz, como alimento humano. (Livros para crianças [III] - 26 de abril de 1932)

Alimento humano, alimento da alma. Algo que nos nutre, que se torna parte de nós. Literatura infantil seria, para Cecília Meireles, entre outras coisas, esse alimento da infância.

Ainda comentando o livro dos professores uruguaios diz:

E realmente é assim. Mesmo sem se conhecer o livro todo, pode-se, pelas citações do artigo, sentir o que há de simples e grandioso, de ingênuo e comovente, de tímido e de infinito, num livro com páginas assim: "El Sol se va. Y la Luna llena. El llano está lleno de luna. Se vê la luna em las olas. Las olas están llenas de luna. Mamá, se ve la luna em tus ojos. La luna es bella e y tus ojos más bellos, mamá"

Não é nada: mas é a comunicação da criança com o universo, com o universo que está nos astros e nos planetas e nos olhos maternos, em que adormece o conhecimento silencioso do segredo da vida. (Livros para crianças [III] - 26 de abril de 1932)

Através da citação do professor Hipólito Coroilo, autor de um artigo publicado nos *Anales de Instrucción Primaria de Montevideu*, Cecília entrou em contato com alguns excertos do livro *Poesia*. Neste trecho, Cecília Meireles, retoma a idéia de que a comunicação da criança com o autor é bastante importante, e traz a relevância dos temas mais propícios às crianças: como os astros e o universo.

Comentando sobre o escritor francês Pierre Benoit e suas leituras enquanto jovem leitor afirma que a literatura deve nos permitir viajar por outros mundos, mundos desconhecidos, dentro e fora de nós.

Pierre Benoit desde os 12 anos se pôs a sonhar com o Pacífico. Com que outros mares muito mais terríveis, muito mais profundos terão ficado sonhando outras crianças? E assim como o escritor francês se sentiu arrastado invencivelmente para os horizontes que mais tarde possuiu dentro das suas pupilas, para onde estarão sendo arrastadas todas as crianças do mundo, quando se debruçam sobre suas primeiras leituras?

E o que nós podemos fazer por elas? Para que as suas aventuras sejam as mais belas, as mais propícias, as mais deslumbradoras? (Os poetas e a infância - 7 de julho de 1931)

Inspirada pelas viagens e sonhos de Benoit, Cecília questiona o que se tem feito pela literatura infantil brasileira. Têm se proporcionado aventuras belas, deslumbradoras? São os textos escritos para as crianças propícios? Permitem a imaginação? Possibilitam a reflexão da própria vida?

A literatura infantil deve ser arte da palavra, esteticamente escrita e ilustrada, poético e literário, possibilitando múltiplas interpretações, viagens e sonhos. Deve estar preocupada com a formação espiritual e moral da infância, sem esquecer da alegria, da especificidade da criança, da linguagem adequada e da beleza. Além de divertir, dar prazer emocionar, é, também, educativa. E como parte da cultura, proporciona a formação, transmite valores sociais e a diversidade de proposições do que é válido de se transmitir à infância.

À infância, idade preciosa, cabia oferecer o que havia de melhor, pois como Cecília Meireles acreditava que a Literatura era educativa, formadora, esta poderia constituir ou desagregar a criança. O projeto de formação do leitor infantil de Cecília Meireles está, portanto, neste momento de transição na concepção de literatura para crianças: não serve qualquer livro. Ao mesmo tempo, um novo modelo de criança se constitui: uma criança curiosa, esperta, ativa, uma criança que está no centro das preocupações educativas.

Cecília aponta a seus leitores aquilo que sua visão de mundo considera como aceitável ou repudiável para a formação do leitor infantil, e a partir de suas concepções, busca conquistar um território a partir de seus leitores: adultos, pais, professores e outros sujeitos ligados à educação do país, orientando-os, mostrando-lhes possíveis caminhos.

Sou entre flor e nuvem,

estrela e mar.

(...)

Meu rosto vário desorienta as firmes pedras

que não sabem de água e de ar.

(MEIRELES, 2001, p. 543)

Bibliografia:

ARROYO, L. *Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

COELHO, N. N. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Ática, 1991.

MEIRELES, C. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MEIRELES, Cecília. *Cecília Meireles: poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. O ensino da música nas escolas. Publicado no Diário de Notícias, 5 jul. 1930. In: *Crônicas de Educação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. v.4.

_____. Livros para crianças [II] - Publicado no Diário de Notícias, 4 nov. 1931. In: *Crônicas de Educação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. v.4.

_____. Teatro da Criança. Publicado no Diário de Notícias, 29 dez. 1932. In: *Crônicas de Educação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. v.4.

_____. Educação Moral e Cívica. Publicado no Diário de Notícias, 14 set.1930. In: *Crônicas de Educação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. v.4

_____. Constâncio C. Vigil. Publicado no Diário de Notícias, 21 abr. 1931. In: *Crônicas de Educação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. v.4.

_____. Literatura infantil [I]. Publicado no Diário de Notícias, 28 jun. 1930. In: *Crônicas de Educação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. v.4.

_____. Livros para crianças [III]. Publicado no Diário de Notícias, 26 abr. 1932. In: *Crônicas de Educação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. v.4.

_____. Os poetas e a infância. Publicado no Diário de Notícias, 7 jul. 1931. 1930. In: *Crônicas de Educação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. v.4.

_____. *Carta à Fernando de Azevedo*. Rio de Janeiro/IEB/USP, 12 de abril de 1932.

_____. *Leituras infantis*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1934.

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil*. São Paulo: Ática, 1990.

Zilberman, R. Em busca da criança leitora In. NEVES, M. S.; LÔBO, Y. MIGNOT, A. C. V. (orgs). *Cecília Meireles: a poética da educação*. RJ: Ed. PUC-Rio: Loyola, 2001.